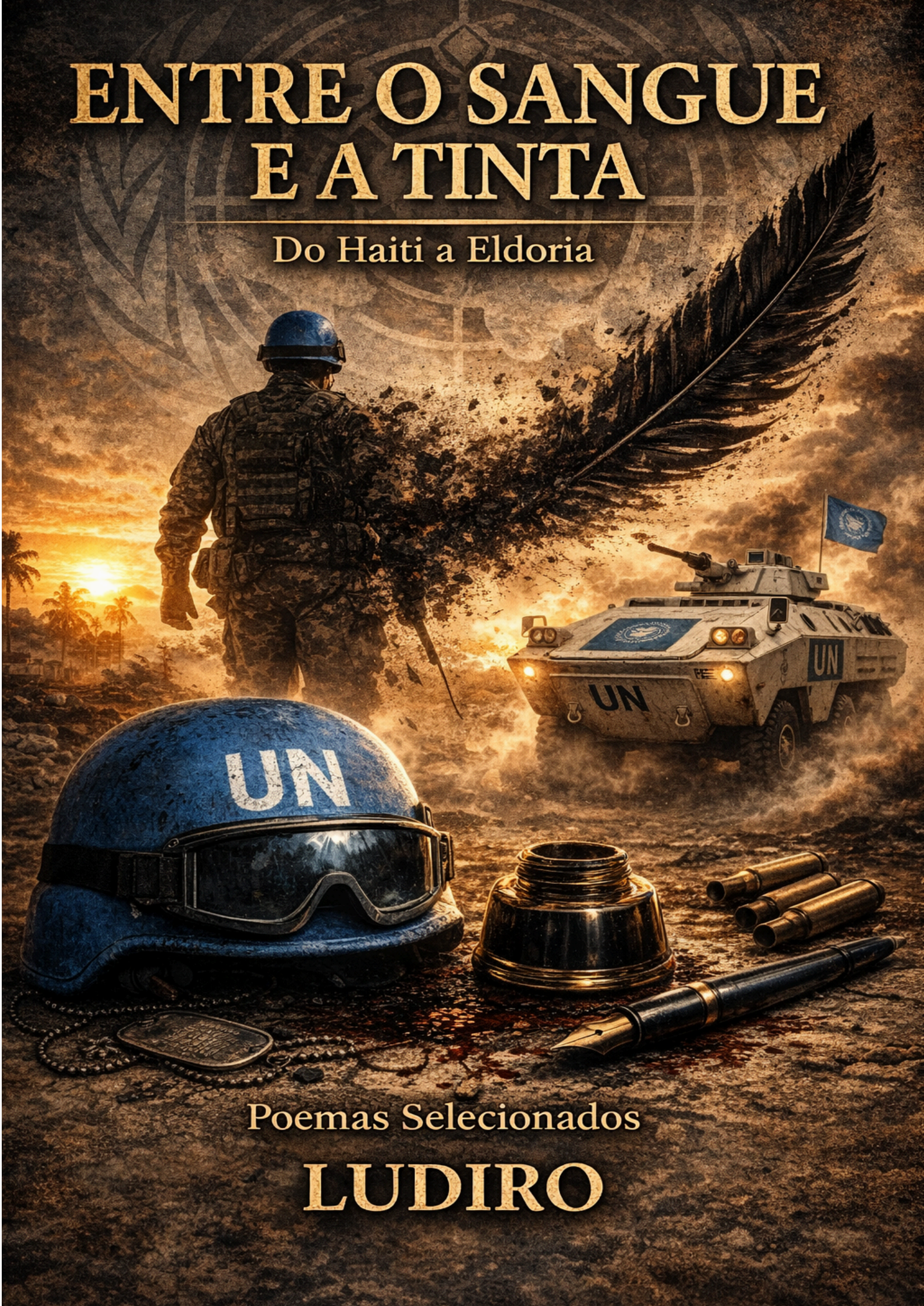
# ENTRE O SANGUE E A TINTA

## Do Haiti a Eldoria




Poemas Selecionados

**LUDIRO**

# ENTRE O SANGUE E A TINTA

Do Haiti a Eldoria

Ludiro

*© 2026 Ludiro*

*Entre o Sangue e a Tinta: Do Haiti a Eldoria*

*Todos os direitos reservados.*

*Esta obra é distribuída gratuitamente como parte de um projeto de difusão literária.*
*É permitida a leitura e o compartilhamento, desde que o conteúdo não seja alterado e os créditos ao autor sejam mantidos.*

*Este livro reúne textos escritos entre 2006 e 2011, preservando sua essência original — marcas de um tempo, de um homem e de suas travessias entre o dever e a palavra.*

*Capa e concepção visual: Ludiro & Rolo*
*Edição e organização: Ludiro*

*Contato e redes:*
*Instagram: @ludiro.escritor*

—

*"Não é um livro para passar o tempo.*
*É um livro para sentir."*

“Algumas guerras terminam.

Outras... continuam sendo escritas.”

## A Cicatriz que Virou Verso

Escrever nunca foi, para mim, uma escolha silenciosa.
Foi uma necessidade.

Este livro não é apenas uma reunião de poemas.
É um mapa — geográfico e emocional — de uma vida atravessada pelo dever e pela urgência de sentir.

Durante anos, o blog *Luz Poética* foi meu confessionário público.
Ali, depositei aquilo que a farda não continha…
e aquilo que a alma não podia calar.

Aqui, você encontrará o sangue.
Versos escritos sob o sol do Haiti, onde o peso da realidade exigia mais do que resistência — exigia tradução.
Entre o fuzil e o caderno, entendi que a palavra pode ferir…
mas também pode salvar.

Mas você também encontrará a tinta.
A travessia de um homem que deixou o campo do concreto para mergulhar nos territórios do invisível — o amor, o desejo, a identidade, o silêncio.

Cada poema aqui é um vestígio.
Cada linha, uma tentativa de permanência.

Este livro não é sobre o que vivi.
É sobre o que não me permiti esquecer.

Seja bem-vindo.

Ludiro

SUMÁRIO:

EIXO 1 — O GUERREIRO E A HUMANIDADE

1. Um dia do diário de um guerreiro (2006)
2. Anjo do Haiti (2006)
3. Bala do Canhão (2007)
4. Minha Pátria (2006)
5. Menino de Rua (2006)

EIXO 2 — ANATOMIA DO SENTIMENTO

1. Ave de Rapina (2006)
2. Meretriz (2007)
3. Doce Veneno (2007)
4. Absinto (2007)
5. Amar, tanto amar (2006)

EIXO 3 — A OFICINA DO VERBO

1. O Poeta (2006)
2. Descrever Escrevendo (2006)
3. Lapidando as Palavras (2006)
4. Escrever (2008)
5. Supremacia (2011)

EIXO 4 — PONTES E PERMANÊNCIAS

1. Observador (2006)
2. Bons Amigos (2006)
3. Além-Mar (2006)
4. Sentença de Vida, em parceria com Bilá (2007)
5. Construindo-me (2006)

# EIXO 1 — O GUERREIRO E A HUMANIDADE

## Um dia do diário de um guerreiro

Juntos se puseram a orar,
pedindo a Deus Pai
proteção lhes mandar.

Soldados — euforia e ansiedade.
Guerra quente, sem água fria.
Comandantes atentos, prontos
para mais uma arrojada missão.

Partiram os bravos valentes,
sem conhecer os perigos à espera.
Unidos, todos marchavam
por trilhas e favelas.

O olhar do inimigo... à espreita.
Em nosso ligeiro caminhar,
mais um dia a se passar.

Minha mente vazia,
tomando conta do que não via.
Meu irmão também fazia,
esperando o árduo momento
de ter que atirar.

Na calada, em surdina,
entre tantos barracos,
muitas esquinas...

Lixo, bueiros, lodo em piscina.
Botas molhadas, roupas suadas.
O odor do suor já saía,
infiltrando em nossas narinas,
misturado ao fedor de fezes e urina.

O fétido, o podre
dos bichos que jaziam.

— Atentos! Muito cuidado! —
quando uma porta se abria.
Com a arma apontada,
muita segurança se fazia.

A difícil caminhada
no morro da agonia.
Subia e descia,
no ombro muita dor.

Crianças chorando,
cães ladravam no meio do lixo.
Barulho na sujeira
das latas vazias.

Não acabava
o tempo infinito.

Lutando, evitando o erro de um susto
para prevenir um futuro luto.

Íamos nós, sob sol abrasador,
cada um guardando a sua dor.

O capacete, como ovo, fritava
a cabeça que ali estava —
não mais pensava,
somente se preocupava
no serviço bem prestado
em favor da paz.

No meio do inferno,
onde o bandido é rei,
dedo-duro não tem vez,
os peões não têm lei.

Somos todos odiados,
mas mal a ninguém fizemos.

Queremos paz.
Queremos o bem.

O trabalho termina,
mas teremos que voltar
quando um novo dia raiar.

Tudo
pela pura
e íntegra paz.

Ludiro, 14/03/2006

# Anjo do Haiti

Tanta tristeza em um olhar...
pequena carente querendo amar.

Neste deserto de puro rancor,
lugar onde nasce pedra
ao invés de flor.

Grande tristeza no pequeno olhar
desta menina com tanto pra sonhar...

Um lugar que clama por socorro.

Deus está de olho —
e, com seu arcanjo,
enviou para este lugar
um pequeno e belo anjo,
com um coração repleto de amor.

Seu nome: Madali.

Este anjo que contempla tanta dor.

Pequenina e linda criança,
anjo do Haiti —
futuro e esperança
de todos os sofridos
que vivem aqui.

Ludiro, 11/03/2006

# A bala do canhão

O tiro do canhão,
com sua estrondosa explosão,
fazendo-se em bela parábola...
um tiro certo no coração.

Seu destino
é certeiro: destruição,
caindo em lugar fétido —
e, muitas vezes, não.

O canhão cuspiu
tamanha labareda de fogo,
fez no céu um risco febril...
e na terra, o pedido de socorro.

O canhão urrou
em prol da paz —
eis a desculpa da política...

Quem se perde nos escombros
não tem tempo de despedidas.

Tudo arde,
rompe-se, jaz...

Abraçado aos destroços,
pela bala do canhão
que só dor traz.

Ludiro, 19/05/2006

# Minha Pátria

Neste solo
no qual pisei,
muita coisa vi,
tantos fatos presenciei.

E de mim
muito dei:

minha paz,
meu amor,
minha dedicação.

Em grande empenho,
deixei o meu suor
que lavou esta terra,
minhas lágrimas
que regaram novas plantas,
minha tristeza
de tudo que meus olhos contemplaram.

Mas meu sangue...
minha vida...
jamais dediquei.

Esta pertence
à minha amada Pátria,
a qual nunca
deixarei.

Ludiro, 01/04/2006

# Menino de Rua

Olhos arregalados,
roupas sujas e rasgadas,
pés descalços —
dorme nas calçadas.

No coração, uma esperança
de tudo melhorar.

Não volta pra sua casa —
não quer mais apanhar.

Mamãe já se foi.
Papai não há.

Pobre garoto...
que fazes na rua?
Deverias estudar.

Mas o menino não tem o que comer,
não tem onde morar.

Pra conseguir alguma coisa,
tem que se virar:

limpar para-brisas,
fazer acrobacias...
mas ninguém quer ajudar.

Ultrajado e discriminado,
muitas vezes tem que roubar.

O que lhe aparece de graça
vem pra lhe matar.

Drogas e bandidos —
tudo para marginalizar.

Na pele, cicatrizes de maltrato.
No coração, uma dor.
Na cabeça, a luta
de quem quer ser vencedor.

Vencedor de cada dia.
Vencedor de cada dor.

Dor insuportável
do preconceito,
da falta de amor.

Queria ser criança,
brincar de escorregador,
ter uma bicicleta, um carrinho,
ter carinho... ter amor.

Porque o menino é criança.
Ele é sonhador.

Mas quando olha pra si...
vê o que restou.

Gostaria de ser adotado,
ter casa, papai, mamãe,
vovó e vovô.

Poder ir pra escola,
ter um professor,
aprender tudo de bom da vida
e, no futuro, ser um bom senhor.

A calçada é seu leito.
O jornal, seu cobertor.

Pra sobreviver,
se faz até de cantor.

Sempre com um sorriso no rosto
pra esconder as lágrimas,
o suor e a dor.

Oh, sorriso inocente
de um patriota juvenil...

Jamais deverias estar nas ruas.
Pois tu és filho do Brasil.

Ludiro, 11/02/2006

# EIXO 2 — ANATOMIA DO SENTIMENTO

## Ave de Rapina

Abre bem tuas asas.
Deixa o sol aquecê-las,
refletir seu brilho
nas plumagens
da beleza da couraça.

Cada raio refletido
é sinal de amor
submergido
em teu corpo plúmeo.

Ave preciosa,
deixa que o sol te alise,
te acaricie em sua magia
e renove tuas forças.

Pássaro de garbo,
ave de rapina —
alça teu voo
em alucinações...
e alucina.

Ludiro, 14/04/2006

# Meretriz

Oh, meretriz...
com essas tuas mãos infelizes...

Não acariciaste porque quiseste,
nem mesmo para ser feliz.

Neste mundo noturno,
onde vive o vagabundo,
tu — presente estás.

Meretriz,
donzela de mármore...

És bela por necessidade.

Muitos corações
por ti se apaixonaram
nesta vida infeliz.

Ludiro, 29/06/2006

# Doce veneno

Mergulhaste no precipício
das minhas veias,
num beijo que incendeia.

Cala-me os lábios,
arrebata minha calma —
minha inquieta alma,
sufocada... envenenada.

Veneno forasteiro,
traçoeiro...

Envolto em minha saliva,
consumiu minha língua,
meus lábios
e todo instinto
ao degustar da tua boca.

Colocaste-me em harmonia
entre vida e morte.

E solto a fantasia
que à granel me jazia —
o veneno do desejo,
o doce arsênico do beijo.

Ludiro, 08/05/2007

# Absinto

Bebo do teu néctar,
entrego-me em teus lábios.

Morro neste (ab)sinto
que degusto em tua boca,
e entrego minha alma
à melodia
dos teus braços.

Entrega-me...
alivia minha dor
no deleite deste amor.

E derruba-me
no gole mortal
deste (ab)sinto.

Que mal sinto
em meu corpo ardente —
o labirinto de teu corpo.

Estou vivo...
e estou morto.

Mas sinto o teu (ab)sinto
em minha garganta.

Queima a carne,
levemente,
em teu olhar
profundo e profano.

Deixo absorver
a dor saborosa deste alívio...

partir —
pra dentro de ti.

E te sinto
num gole de (ab)sinto
de tua saliva,
que nos integra
num único ser.

Ludiro, 10/01/2007

# Amar tanto amar

Eu te amo —
simplesmente porque te amo.

Se te amar fosse morrer,
estaria condenado à morte.

E a morte
levar-me-ia, assim,
feliz...

pois morreria amando-te.

Mas se te amar é doença,
sou um incontrolável hipocondríaco
— e não quero cura
desta doença maluca:

a doença de te amar.

Mas se, para viver
sem ter o teu amor,
uma imensidão caísse sobre mim...

restaria apenas
a morte infeliz.

E para mim,
morrer sem lutar
e assim findar
com uma simples frase:

Aqui jaz
aquele que morreu
por amor a você.

Ludiro, 07/04/2006

# EIXO 3 — A OFICINA DO VERBO

## O Poeta

Não é só o papel e a caneta.
Tampouco a sedução das palavras.

Nem mesmo o conhecimento,
muito menos o desejo.

Não cabem ao tigre
e nem ao cordeiro.

Somente a caridade,
a entrega,
faz a semente brotar —

a semente humana,
de coração sem igual.

O amor, somente,
faz do sonhador
um poeta.

Ludiro, 06/03/2006

# Descrever escrevendo

Não sei como dizer...
vou escrever.

Na folha em branco,
na parede,
bem no canto.

Em traços leves,
soltos e belos,
descrevendo —
vou aonde puder.

Escrevo
o que vejo
nos olhos do pensamento.

Escrevo com sentimentos
o que o coração manda
neste exato momento —
e em todos os vindouros.

Riscarei, sujarei,
emaranhados de rabiscos:

com caneta,
lápis,
pincel...
com saliva, se não puder,
com o sangue, se precisar.

Mas vou expressar.

Do jeito conveniente,
convincente.

Com amor —
ou com a força
e bravura das palavras
pulsando em minha veia.

Elas que incendeiam
o calor desta emoção.

Descrevo escrevendo
nas linhas dos sentimentos,
no branco da minha memória,
na falha da história,
no ritmo de um pulsar...

até que pare
este movimento
soletrante do coração.

No findar das forças
das minhas mãos,
onde meus passos encadearem,
nem sequer puder falar
ou gesticular...

e assim,
quando não puder mais escrever,
levarei o que sobrar comigo —
e alegrarei os anjos com elas.

Ludiro, 05/04/2006

# Lapidando as palavras

As palavras,
quando bem organizadas,
são incríveis.

Têm um poder tão grande
sobre as pessoas —
algo sobrenatural.

Fazem sorrir,
dar gargalhadas,
acalentar,
chorar.

Transportam sentimentos
em si,
e transmitem
sua essência ao leitor
de forma encantada —
pura magia.

São palavras
em estado bruto,
dentro da literatura.

Lapidadas aos olhos
de milhares de leitores,
tornam-se
a mais nobre
e preciosa fantasia.

Ludiro, 04/03/2006

# Escrever?!

Escrever...

Às vezes parece ser meu forte —
no entanto, fraquejo.

Estranho falar assim,
falar de mim.

Poesia... minh'alma.
Verte em lábios
e, egoistamente,
não verte no papel.

Amo-te, amiga minha —
Poesia.

Minha felicidade é mais alta,
e você escondeu-se...
mas não de mim.

Você está ao meu lado,
feito o sol.

Difícil escrever?
Claro que não.

Quero viver-te
a cada instante.

Ludiro, 18/12/2008

# Supremacia

Volto a escrever...

Escrever o que gosto.
A alma pede,
o corpo se esconde —
e responde.

As mãos...
os dedos...
— e eu.

Feliz.

Sigo em espírito:
salvo,
completo,
repleto.

Enfim...

não sou mais eu
que vive em mim.

Ludiro, 30/07/2011

# EIXO 4 — PONTES E PERMANÊNCIAS

## Observador

Da janela do meu quarto,
vejo o verde —
onde nem sempre é verde.

Contemplo o céu,
que nem sempre é azul...

E percebo
que quem observa
nem sempre sou eu.

Ludiro, 28/06/2006

# Bons Amigos

Os bons amigos
são divinos.

Vêm para tornar
nossas vidas melhores...
encantando, rejuvenescendo,
inspirando em melodia.

Presença pura do amor
em ternas poesias.

Ludiro, 20/03/2006

# Além-mar

Meus olhos perdidos,
sentado à beira da praia,
veem um veleiro
sendo engolido pelo horizonte.

Com lábios encantados,
em batom azul...
céu e mar.

Ouço a mais bela
música oceânica:
o som do quebrar das ondas
que avançam
molhando meus pés...

Nesta imaginação,
além-mar,
onde fico a sonhar.

No aperto cardíaco,
navego junto ao veleiro,
onde também sou sugado
pela garganta atlântica —
viajando em profundezas
desconhecidas.

Aonde minha visão vai,
sem rumo,
ao encontro
da doida realidade.

Ludiro, 03/05/2006

# Sentença de vida

Há poesia onde quer que eu vá.

Em minhas feridas
doloridas e sangrentas,
no que é natural,
no sobrenatural,
no meio de gente
ou estando só
verte a minha seiva poética.

Onde quer que eu vá,
existe poesia.

Retalho a palavra,
mostro a cicatriz.

Poesia é atriz:
veste a fantasia,
representa,
mostra brilho
e, no disfarce,
do que observa — diz.

Poema não é só de ar:
é de sentimento, raiz,
de sensibilidade,
de olhar singular
que ele é construído.

Absorvo na alma
as cores da natureza,

o sentido das ações,
a profundeza
do que se sente.

Absorvo na alma
o que sinto, ouço, vejo.

Absorvo poesia
no que existe
e no que insisto
em imaginar, criar.

Sou poeta.

Por meus olhos,
imersos no interno,
brota o néctar dos versos.

E o meu sorriso,
dentre seus bons
e perversos brilhos,
reflete-se em palavras
nos meus manuscritos.

Ah... caminho doce das letras,
em meu livro,
que pisa em pergaminhos...

Que um espinho,
com sangue na ponta,
seja minha pena...
a hedionda
com a qual usarei escrever
minha sentença

em letras escarlates
sobre meu papiro:

— Escreverei até morrer.
Faz parte do meu ser.

Ludiro & Bilá Bernardes, 16/02/2007

# Construindo-me

Pinte-me.
Faça meu ser em sua visão,
esculpindo-me em seu suave tato...
dê vida ao meu coração.

Artista da minh'alma...

Vá tecendo cada sorriso
em minha face,
num disfarce
que não se oculta.

Faça-me,
rabisque-me,
torne-me sua obra de arte.

A estrela cadente,
a cauda do cometa,
a face de Marte.

Um repique,
rebate e...
mate-me
eternizando-me
na tela de sua poesia.

Dos pincéis, sua magia...
nos papéis, minha alma,
minha vida.

Ressuscita-me
para o mundo.

Sou argila
da sua obra viva.

Uma constituição:
pintura, foto, escultura
e... uma doce poesia.

Ludiro, 17/10/2006

Se este livro tocou você,

compartilhe com alguém.

A literatura só cumpre seu papel

quando atravessa mais de um coração.

Antes de continuar...

Se estes versos impactaram algo em você,
é porque ainda há histórias que não terminaram aqui.

O que você leu foram fragmentos.
Raízes.

Mas há uma narrativa onde a luz luta contra o esquecimento —
e onde cada memória pode ser a última.

Vire a página.

“Algumas histórias não começam no início.
Elas começam quando você decide não esquecer.”

Continue em: *Luz Poética*

# Prévia exclusiva de *Luz Poética*

## CAPÍTULO 1

### O Chamado da Floresta

A floresta de Eldoria se estendia diante de Lia como um tapete de sombras e luz, cada árvore uma sentinela do tempo, guardando segredos que ecoavam nas brisas suaves, como memórias que se recusavam a desaparecer. O aroma fresco da terra úmida misturava-se ao perfume doce das flores silvestres e a um toque sutil de pinho, compondo uma sinfonia invisível que despertava lembranças adormecidas.

Enquanto caminhava, Lia sentia o solo macio sob seus pés, pontilhado por raízes antigas que serpenteavam pela terra como histórias ainda vivas. As folhas roçavam suavemente seus braços, e havia naquele toque uma presença delicada, como se a própria floresta a reconhecesse.

O vento, um mensageiro invisível, carregava consigo os sons da vida: o canto melodioso dos pássaros, que parecia ensaiar uma ópera secreta; o farfalhar leve das asas de uma borboleta que dançava ao seu redor; o zumbido distante dos insetos e o murmúrio constante de um riacho escondido entre as árvores. Cada som parecia conter um fragmento do passado, uma lembrança sussurrada ao coração de quem estivesse disposto a ouvir.

Lia parou por um instante.

Fechou os olhos.

Deixou que tudo aquilo a envolvesse.

As histórias de seus avós voltaram como ecos vivos em sua mente — noites iluminadas pelo calor da lareira, vozes serenas narrando lendas de criaturas encantadas. Os Luminares, seres de luz que guiavam os perdidos. Os Sylvans, guardiões silenciosos das árvores mais antigas.

Naquela época, tudo parecia simples.

A magia não precisava ser explicada.

Ela apenas existia.

Uma pontada de saudade apertou seu peito. Não era apenas nostalgia — era um anseio mais profundo. Um desejo de reencontrar não só as histórias... mas o sentimento que elas despertavam. Como se, em algum lugar entre aquelas árvores, ainda existisse algo que o tempo não conseguiu apagar.

Seu coração bateu mais forte.

Havia algo ali.

Algo chamando.

A floresta parecia observá-la agora, não como um cenário, mas como uma presença viva. Os galhos se inclinavam levemente, como se a convidassem. A luz filtrada entre as folhas desenhava caminhos que não estavam ali antes.

Ou talvez sempre estivessem.

E ela só agora conseguia enxergar.

Lia respirou fundo.

O ar parecia diferente.

Mais denso.

Mais... significativo.

Era como se cada passo a levasse não apenas mais fundo na floresta, mas também mais fundo dentro de si mesma.

Ela sabia, sem saber exatamente por quê, que aquele momento marcava o início de algo maior. Não apenas uma aventura, mas uma transformação.

Com um leve sorriso — tímido, mas verdadeiro — Lia deu mais um passo.

E depois outro.

E, sem perceber, começou a seguir o chamado.

Um chamado que não vinha apenas da floresta...

mas de algo dentro dela que se recusava a ser esquecido.

Se este livro te tocou de alguma forma, ele cumpriu seu propósito.

“Entre o Sangue e a Tinta” não é apenas um registro do passado,
mas o início de algo maior.

Conheça também:

*Luz Poética* — disponível na Amazon

Acompanhe mais conteúdos:
Instagram: @ludiro.escritor

Porque algumas histórias não são feitas apenas para serem lidas...
mas para serem sentidas.

— Ludiro